

# Índice

## Parte I

I	15
II	25
III	33
IV	41
V	47
VI	51
VII	55
VIII	59

## Parte II

IX	67
X	75
XI	83
XII	89
XIII	95
XIV	99
XV	109

XVI	115
XVII	119
XVIII	127
XIX	131
XX	137
XXI	139
XXII	147
XXIII	153
Parte III	
XXIV	157
XXV	163
XXVI	165
XXVII	171

# Parte I

## Capítulo I

### 1

Era um homem estranho e a sua mulher não pôde deixar de rir ao escutá-lo. Como se fossem materiais que pensam, dissera Joseph Walser. Claro que os humanos eram materiais que pensavam! Materiais com alma, diria mesmo Margha.

Joseph Walser dirigiu-se ao seu compartimento. Margha nem sequer levantou os olhos.

Walser era colecionador. De quê? Ainda é cedo para o dizer. Mas nessa manhã havia aumentado com significado a sua coleção.

Vestia umas calças simples, quase de camponês, e os seus sapatos castanhos estavam absolutamente fora de moda.

A mulher disse:

— Estás vestido como noutro século. Já ninguém pensa assim.

## 2

Joseph Walser não traz documentos.

Alguém diz: estes dias não são para distrações, são necessários documentos.

Joseph Walser recebe a reprimenda em silêncio.

A distância era proporcional ao espanto. Quando os acontecimentos se sucediam a centímetros ou a metros: nada de mais, apenas monotonia. Esta encosta-se aos homens, enquanto o espantoso não é tocável.

No mundo tranquilo, a introdução de uma única substância altera fortemente as previsões para o dia seguinte. A morte ainda não foi introduzida como substância vulgar, mas aproxima-se um mês imundo, segundo algumas previsões.

— Um mês imundo — murmura Walser para a sua mulher Margha.

Mas um mês onde se toca, colocando o medo insultuoso na extremidade dos dedos.

Tocarás no próximo mês como tocas com a mão direita no rio sujo: depois deverás limpar os dedos, lavá-los.

A técnica de influenciar os homens assustando-os com o que ainda não existe é antiga. É isso que sucede mais uma vez. Fala-se de armamento militar que avança com apetite; é este o termo: apetite. Como se as armas tivessem estômago, como um organismo. Uma espécie de saliva grotesca, metálica. Porém, só o trabalho mental foi perturbado, a realidade física das coisas ainda existe bem organizada e calma. As fábricas mantêm os barulhos atentos que correspondem aos movimentos previstos das máquinas pacíficas, e posteriormente surgem os produtos necessários. O fenómeno de causa e efeito mantém-se na indústria, nenhuma máquina interrompe o circuito habitual para se afastar em direcção a acontecimentos como milagres ou explosões.

Felizmente nenhum milagre, murmura Klobner Muller, o encarregado da fábrica onde trabalha Joseph Walser.

Como se a guerra fosse precisamente uma concentração excessiva de milagres. Um abuso de acontecimentos no mais curto espaço de tempo, uma aceleração sobrenatural, um atrevimento humano, e, mais que indelicadeza: uma rudeza exercida sobre o tempo.

Os acontecimentos necessitam de intervalos significativos entre si. Não se devem acumular como se fossem mercadorias medíocres, os acontecimentos não são mercadorias medíocres, são coisas valiosas, disse Klobner.

A seu lado estava Joseph Walser, com os seus sapatos castanhos absolutamente fora de moda.

Klobner não pôde deixar de o notar.

Gonçalo M. Tavares

— Esses seus sapatos — disse — são absolutamente irresponsáveis.

Joseph Walser olhou para os próprios sapatos e levantou a cabeça. O sorriso que tinha pensado fazer naquele ligeiro momento de tensão desapareceu quando os seus olhos se fixaram no rosto de Klober. O encarregado não brincava. De forma alguma: estava irritado.

— Os seus sapatos são absolutamente irresponsáveis — repetiu Klober Muller.

### 3

— Já ninguém se calça assim.

Quantas vezes Joseph Walser havia escutado esta frase nas últimas duas semanas? O que estava acontecer? Há anos que usava estes sapatos, ou sapatos semelhantes. Nunca o haviam incomodado por isso. Ninguém antes se havia importado minimamente com os seus sapatos, com a sua cor ou forma. Porquê agora?

— Não me interessam os seus sapatos nem as suas ideias, compreendeu, excelentíssimo Walser? O que lhe disse ontem não tem importância nenhuma para mim, mas é de extrema importância para si. Consegue perceber a diferença? Consegue perceber a diferença que existe entre nós? Entre os meus sapatos e os seus sapatos, entre as minhas ideias e as suas ideias? Os seus sapatos não me interessam e as suas ideias não me interessam. Mas as minhas ideias interessam-no, é esta a diferença, entende?

Quanto aos seus sapatos já os esqueci. Os seus sapatos são absolutamente irresponsáveis, é verdade, disse-o e voltou a afirmá-lo. Poderá querer explicações, mas não as dou. O senhor deve

perceber. É a sua obrigação. O senhor Joseph Walser deve aprender a perceber sem precisar de explicações. Há um exército que se aproxima e você quer explicações sobre os seus sapatos?

Mas vou explicar-lhe o possível, Walser. Aproxima-se um mês imundo, como dizem as notícias, e o meu amigo tem os sapatos sujos e gastos, entende? Deve limpá-los imediatamente. Receberemos a imundície com a higiene, ou seremos esmagados, entende, caro Joseph Walser?

Cada vez é mais necessária, a ordem. Escandaliza-me que ainda não o tenha percebido.

A loucura organizada aproxima-se e teremos de a receber com o rosto neutro. Ninguém respeita os histéricos. A guerra ridiculariza os loucos. A ordem, meu caro.

O histerismo ou uma mera camisa fora das calças devem ser considerados como pertencentes ao mesmo universo: o da desordem. Não se recebe a loucura colectiva com uma camisa fora do lugar, consegue entendê-lo, Joseph Walser?